Galeria Pedro Oliveira

Newsletter / Fevereiro 2017

EXPOSIÇÃO A DECORRER

Galeria Pedro Oliveira, Porto

Carlos Correia
Devir

> 11 Março 2017

Algumas notas sobre o palimpsesto.
A propósito de "Devir" de Carlos Correia

«Nessa casa repousa um tapete que está prestes a ser buraco mas que, de alguma forma, permanece ainda pintura.»

Carlos Correia

Desde o seu início que a pintura de Carlos Correia — que hoje se apoia já sobre um consistente corpo de obra e numa continuada experimentação — observou um fio condutor e evidenciou uma preocupação acima de todas as demais: a compreensão do problema do espaço.
Na verdade sabemos bem, mesmo se a maior parte do tempo fazemos por o esquecer, que mesmo mais do que o tempo, a questão central de toda a pintura é o espaço. Isto é, a invenção imaginária do espaço. É por via dessa *invenção do espaço* que a pintura se constitui como forma e como pensamento da forma.
Da pintura greco-romana à medieval, ou desta à Renascentista e à pintura abstracta do século XX, a questão foi, sempre, a da invenção ou reinvenção de um espaço. Toda a noção da perspectiva, que quase dois séculos de arte europeia aperfeiçoaram até à mais extrema sofisticação, constitui uma abstracção matemática e mais exactamente geométrica do espaço, que permitiu pensar a óptica e a partir da qual se aperfeiçoaram instrumentos de precisão de um valor incalculável para todas as ciências.
De outro modo, a abstracção de Mark Rothko permitiu pensar zonas de uma tal profundidade, que elas parecem sintonizar percepções de espaços cósmicos, ou situar-nos diante de possíveis intuições de lugares que de outro modo jamais poderíamos conhecer, e muito menos reconhecer. E quem não se surpreendeu já diante de uma imagem obtida hoje por um desses extraordinários telescópios da NASA, ao aperceber-se de uma secreta semelhança entre estas com alguma pintura abstracta realizada há mais de meio século atrás?
Hoje a pintura, e mais em geral a arte, já não tem, como chegou a ter nessas épocas em que se fazia a aurora da modernidade, uma relação tão próxima com as ciências, mas nem por isso deixou de se pensar como invenção de espaços. E surpreende-nos ver, nesta mais recente mostra de Carlos Correia,

com que exactidão ele consegue sugerir-nos, pelo artifício da geometria e da cor — instrumentos essenciais a essa operação — uma *espacialidade outra*, capaz de sugerir espaços abandonados, quase como se o que vemos nas suas telas trouxesse a imagem exacta de casas e de arquitecturas que o tempo simplesmente degradou no abandono.

Espaços vazios, ou melhor: esvaziados, de onde se retirou toda a presença humana, e de que restam paredes, solos, vãos, manchas e restos de cor esmaecida que outrora teria coberto essas paredes, agora e talvez para sempre deixadas ao mais cruel esquecimento. Ou ao restauro, que serve o gosto fácil e sem grande invenção próprio do nosso tempo.

Esvaziados dos seus habitantes, os espaços sugeridos (ou antes: inventados) de Carlos Correia parecem revisitar, secretamente embora, o que foram, em outro tempo e em longínquos lugares, esses espaços que, então, serviram de cenário aos interiores riquíssimos da pintura do século XVII, sobretudo a espanhola e a holandesa, como se estes tivessem sido há muito abandonados, restituídos a paredes e chãos que o tempo foi lentamente desfigurando. Ou, então, a modernos apartamentos do período áureo do Ocidente, em que habitações generosas acolhiam vidas de fausto prático e de confortos vários que, graças à luz eléctrica, se deslumbravam na eufórica e surpreendida descoberta da tecnologia que rapidamente ia fabricando a nova sociedade de consumo, e que Hamilton antes celebrou.

Como se, assim, a sua pintura aludisse também a um dos temas mais fundamentais de toda a arte actual, o de uma memória em luto, agindo sobre a impossibilidade de reconstituição da arte do passado, quer dizer da grandeza do passado, seja mesmo o luto do seu ainda fresco passado modernista. E, por essa via, aludindo em subtil desconstrução a essa referencia às arquitecturas de que a arte recente também se vem alimentando, questionando criticamente o seu passado e certas formas de nele se figurarem os velhos poderes da imagem.

Assim, onde antes repousava um cesto rico de frutas delicadas, ou um tabuleiro pesado das suas caças ou de peixes e mariscos, onde um cão dormia, onde uma senhora de vestido sobriamente protestante se sentava, ou onde um banqueiro judeu contava florins de ouro, resta agora apenas uma parede vazia, que mais lembra uma pintura abstracta, um pedaço de chão onde já nada pousa, uma mancha de humidade que sinaliza ter lá havido antes um quadro pendurado. Nada pois ali ficou dessas grandezas de outrora, e tudo ressoa abandono, solidão, melancolia, espaço esvaziado da sua densidade antiga e agora convertido a puro espaço.

Este jogo continuado com as imagens da pintura, com a sua suspensão ou substituição por outras, igualmente pictóricas, constitui outro dos índices por onde se revela a grande inteligência plástica e conceptual do nosso artista. Através dele, o que Carlos Correia nos demonstra — como antes o fez de outro modo nas séries a propósito de Manet, em que introduzia no ecrã do quadro a silhueta dos espectadores — é que toda a pintura é também acto de memória, reabilitação e transfiguração de uma anterior imagem, que incessantemente se recicla e se sobrepõe, que toda a pintura é, afinal, palimpsesto. Também isso é um trabalho sobre o espaço.

E agora Carlos Correia transporta isso para ainda mais longe, ao fazer, a partir das pinturas, novas formas agora parentes da escultura. Como se a esse espaço da pintura fosse ainda possível convertê-lo em formas outras, uma vez recolhidas, encolhidas, comprimidas, achatadas, esvaziadas de toda a representação. Que parecem aquelas acumulações de lâmpadas de néon com que Dan Flavin iluminou o *Minimalismo* americano.

Mas mesmo essas formas continuam o problema da pintura — como aliás também as de Flavin o faziam — justamente porque continuam a problematizar o espaço, não tanto na sua mais imediata e directa ocupação como antes na sua *potencialidade*, e é isso afinal o que mais de facto distingue a pintura da escultura. Na pintura (tal como no inconsciente) o espaço é sempre potencial, jamais palpável. Por isso ela está sempre mais do lado da abstracção, mesmo quando figura, tal como a escultura, mesmo se abstracta, designa sempre um concreto.

Assim, a noção de "Devir" assume em relação a esta obra a consagração de um movimento interior que a toda ela percorre, e que a obriga incessantemente a reinventar-se, sem todavia deixar de ser fiel aos seus pressupostos primeiros de fina inteligência.

Carlos Correia é, decerto, um dos mais interessantes artistas que nos é dado seguir na cena contemporânea em Portugal, quer pela capacidade de reinvenção, quer pela coerência do seu projecto. E isso justifica que vamos acolher cada nova exposição com a expectativa e o entusiasmo a que tais

presenças obrigam. Sob pena de desatendermos os sinais mais certos do nosso próprio tempo.

Bernardo Pinto de Almeida
Dezembro 2016

http://www.galeriapedrooliveira.com/press/carlos_correia_2017.htm

---

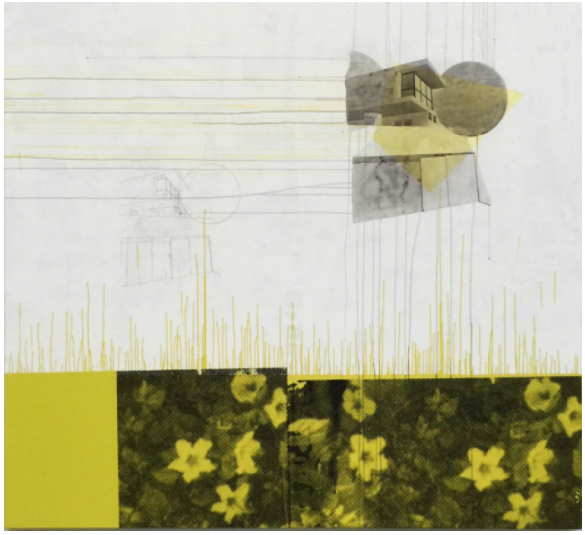
OUTRAS EXPOSIÇÕES

MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, Lisboa

Julião Sarmento, Rita McBride
Dimensões Variáveis

Inauguração 8 Fevereiro (até 30 Maio 2017)

Curadoria: Gregory Lang e Inês Grosso



«Dimensões Variáveis» é um termo descritivo muito utilizado nas legendas de obras de arte, especialmente no campo da arte contemporânea, mas de uso raro no domínio da arquitetura, no qual as dimensões são construídas, logo definidas, por natureza. A exposição propõe um novo olhar e inventa novos diálogos sobre esta relação entre artistas e arquitetura.

Organizada por núcleos temáticos, cobre temas como a relação entre a cidade contemporânea e a arquitetura, virtualização das relações sociais urbanas, dimensões do habitar e problematização da casa e do espaço doméstico, utopias arquitetónicas e modernistas, e, por último, trabalhos que se relacionam diretamente com ideias de escala, dimensões e instrumentos e sistemas de medição. Apresenta lado a lado trabalhos históricos e atuais de artistas de diferentes gerações, nacionais e internacionais, cuja prática artística promove a discussão e reflexão sobre temas que ora ampliam ora estreitam a relação entre arte e arquitetura.

A exposição partiu da publicação «Artistas e Arquitetura: dimensões variáveis», editada pelo Pavillon de l'Arsenal em Paris em 2015.

Uma visita guiada com os curadores da exposição, Gregory Lang (curador convidado) e Inês Grosso (curadora do MAAT) irá acontecer no dia 9 de Fevereiro às 19h00. Esta visita terá a duração de cerca de uma hora, estando prevista terminar às 20h00.

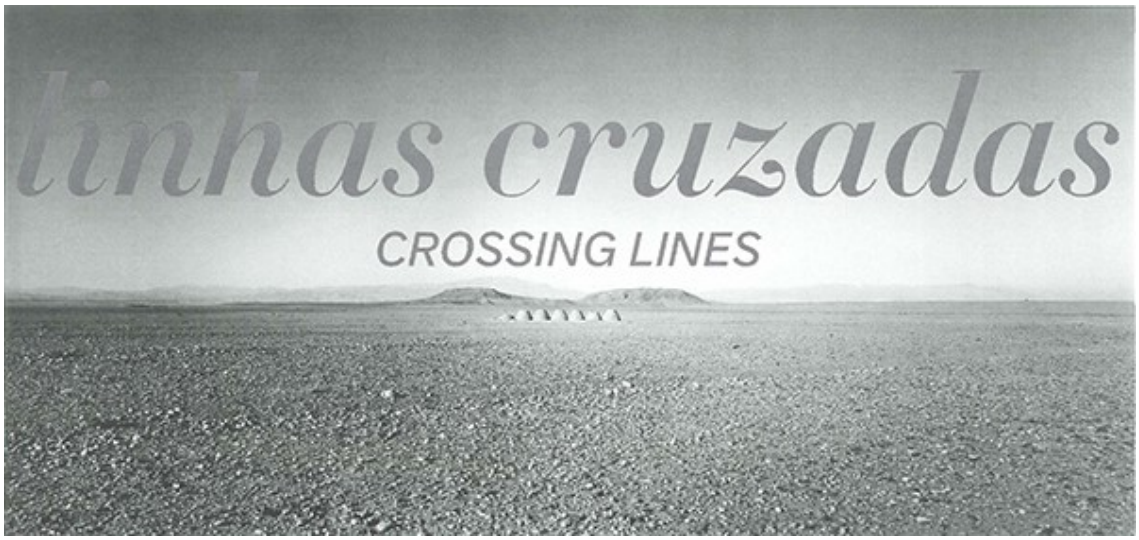
https://www.maat.pt/pt/exposicoes/dimensoes-variaveis

SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa

Jorge Molder, Julião Sarmento, Manuel Rosa, Paulo Brighenti
Linhas Cruzadas

Inauguração 9 Fevereiro (até 4 Março 2017)

Curadoria: João Silvério



De acordo com a organização, esta exposição visa assinalar os 15 anos da Fundação PLMJ criada pela sociedade de advogados PLMJ (A.M. Pereira, Sáragga Leal, Oliveira Martins, Júdice e Associados), que, desde 1998, tem vindo a reunir uma coleção de obras de arte.

Ana Jotta, Augusto Alves da Silva, Ana Vidigal, Carlos Bunga, Carla Filipe, Duarte Amaral Neto, Fernando Lemos, Gil Heitor Cortesão, Helena Almeida, João Louro, João Pedro Vale, José Pedro Croft, Jorge Molder, Julião Sarmento, Mário Macilau, Mauro Pinto, Rui Chafes, Susana Mendes Silva e Yonamine são alguns dos artistas que têm obras na exposição.

Inicialmente dedicada à pintura, desenho e escultura, a coleção de arte estendeu-se mais tarde à fotografia e ao vídeo, tendo a sociedade de advogados constituído uma fundação dedicada ao acervo.

As obras reunidas na exposição 'Linhas Cruzadas' resultam de uma seleção desenvolvida por João Silvério, curador convidado, tendo como critério o cruzamento entre linguagens da produção contemporânea, novas aquisições e obras de artistas com carreira reconhecida no panorama nacional e internacional.

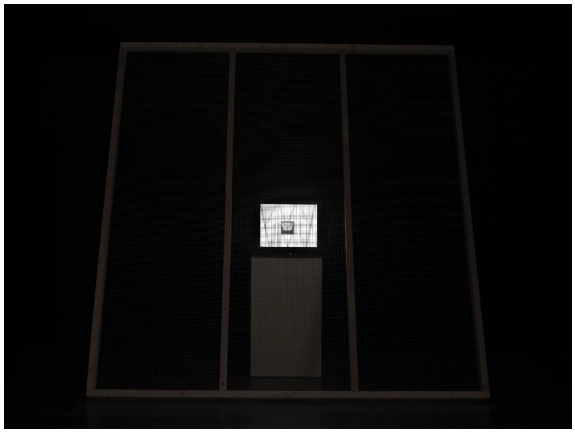
http://www.plmj.com/not_noticias_detail.php?aID=17359

Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco

Ignasi Aballí, Julião Sarmento
Estudos de Luz: Indícios, Reflexos e Sombras na Colecção de Serralves

> 19 Fevereiro 2017

Curadoria: Marta Moreira de Almeida e Ricardo Nicolau



Esta exposição apresenta o trabalho de vários artistas que integram a Coleção de Serralves e que exploram as várias potencialidades da luz. A forma como os objetos reagem a diferentes tipos de luminosidade sempre constituiu, ao longo da história da arte, um dos elementos mais importantes para o trabalho de pintores, escultores, arquitetos e fotógrafos: a luz, as sombras e os contornos que ela define, ajudaram, por exemplo, a distinguir escolas de pintura renascentistas do Sul e do Norte da Europa.
Os artistas representados em "Estudos de Luz" conseguem, independentemente da variedade de meios, materiais e processos, colocar as suas pesquisas ao serviço da representação visual da luz.
Não é por acaso que os artistas que utilizam a fotografia são tão sensíveis à luz, que é, no fundo, aquilo que forma as imagens, ainda antes de serem captadas, fixadas, exibidas e postas a circular. Também os artistas que trabalham com filme e com vídeo encaram a luz como aquilo que lhes permite, antes de tudo e independentemente de escolhas iconográficas ou narrativas, captar e projetar imagens. A exposição também apresenta esculturas em que sombra projetada e peça propriamente dita têm a mesma importância, ou que exploram antinomias plásticas e visuais - nomeadamente os valores de opacidade/transparência, luz/sombra, denso/ténue.

https://www.serralves.pt/pt/actividades/da-colecao-em-castelo-branco-estudos-de-luz-indicios-reflexos-e-sombras/

Lab - Labanque, Béthune, France

Julião Sarmento

Dépenses

> 26 Fevereiro 2017

Curadoria: Léa Bismuth

Esta exposição comissariada por Léa Bismuth propõe uma aventura filosófica fundada nas relações que os artistas mantêm com a obra e o pensamento do escritor Georges Bataille (1897-1962).

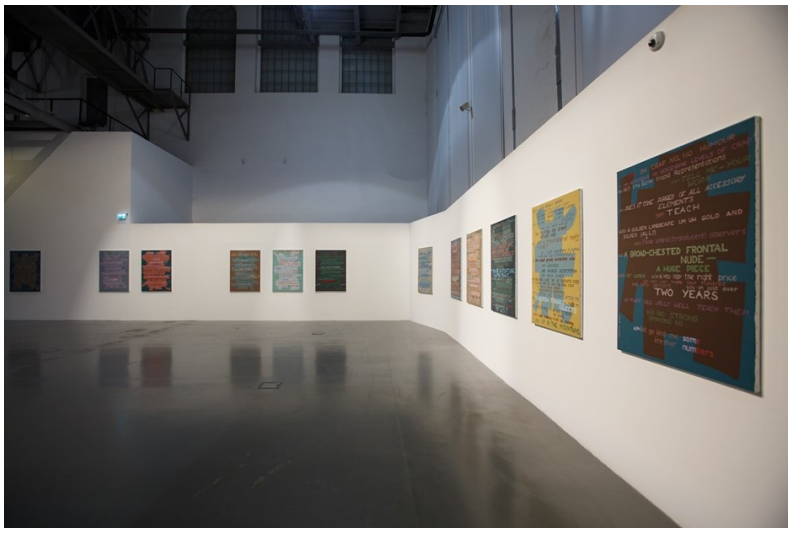
http://www.lab-labanque.fr/

MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, Lisboa

Eduardo Batarda
Misquoteros – A selection of t-shirt fronts

> 27 Fevereiro 2017

Curadoria: Ana Anacleto e João Fernandes



No ano em que comemora cinquenta anos após a sua primeira exposição, Eduardo Batarda apresenta no MAAT, o seu mais recente corpo de trabalho. Com uma carreira centrada na prática da pintura e com uma aturada investigação sobre as questões conceptuais, históricas, formais e cognitivas que atravessam a disciplina, tem vindo a desenvolver um trabalho idiossincrático, recorrendo a referências eminentemente pessoais que influenciam o seu trabalho e as flexões e inflexões desde ao longo do tempo de forma determinante.
O recurso à ironia, ao registo tragicómico e ao sarcasmo (sobretudo virado para si próprio e para o desempenho da sua condição de artista) alia-se às questões inerentes à prática e à história da pintura. Com o título *Misquoteros – A Selection of T-shirt Fronts*, a exposição reúne um conjunto de trinta pinturas com características formais e conceptuais semelhantes entre si, e que o autor considera como uma só obra. Texto e imagem são, aqui, um e o mesmo, num jogo entre a compreensão, a criação de sentidos e a total ilegibilidade.

https://www.maat.pt/pt/exposicoes/eduardo-batarda-misquoteros-selection-t-shirt-fronts

_____

Galeria Vilaseco, Corunha

Rita Magalhães
Viagem e Espelho Negro

> 28 Fevereiro 2017

La fotografía de Rita Magalhães fue, desde su inicio hace casi dos décadas, recorrida por un intenso, desmedido deseo de pintura. Como si la artista comprendiese que, desde siempre, la memoria de la pintura como tradición de producir imágenes inevitablemente habitó en la fotografía como escena primitiva. Y como si, a través de esta última, buscase constantemente volver sobre esa escena primera, fundadora, original y originaria.

En ese sentido se podría afirmar que la mirada de Rita es como la de Ulises. Es una mirada que incesantemente allí regresa, y a sí regresa, como si esa fuera la fuente verdadera de toda mirada que ha sido, es y será. Buscando reco- nocer lo que apenas se entrevió, una vez apenas, tal vez, o lo que tan sólo se imaginó y soñó verse. Lo que se abre hacia el campo de lo que deseó verse.

http://www.vilaseco.net/actual

Alexander and Bonin Gallery

Rita McBride
Premium New Markers

> 4 Março 2017

A série de esculturas de Rita McBride “Premium New Markers” é inspirada pelo projecto “7000 Oaks” de Joseph Beuys, inaugurado em 1982 na Documenta 7. O projecto de Beuys consistia na plantação de 7.000 árvores, emparelhadas com pedras de basalto. Dezasseis desses pares de árvores / pedras de basalto podem ser encontrados na West 22nd Street, perto do DIA Chelsea. Derivando a sua forma a partir desses totems de basalto, estas esculturas são revestidas em Abet laminado, um material emblemático da arquitetura pós-moderna e design da década de 1980, brincando com o formalismo e funcionalismo das estruturas públicas e o seu papel frequentemente negligenciado como pilares no espaço público.

http://www.alexanderandbonin.com/exhibition/3454

Atelier Museu Júlio Pomar, Lisboa

Julião Sarmento
Void

> 12 Março 2017

Curadoria Sara Antónia Matos

A exposição ***VOID: Júlio Pomar e Julião Sarmento*** dá seguimento a um programa de exposições do Atelier-Museu que, todos os anos, procura cruzar a obra de Júlio Pomar com a de outros artistas, de modo a estabelecer novas relações entre a obra do pintor e a contemporaneidade.
Deste modo, esta exposição é pensada, desde a sua génese, como uma intervenção específica no espaço do Atelier-Museu, onde Júlio Pomar e Julião Sarmento, através de pinturas e desenhos, exploram o conceito de "Void", tendo sido o artista convidado a desenhar a imagem gráfica da exposição.
"Void" pode ser entendido como um espaço vazio; algo que desaparece no vazio; que é vivido como perda ou privação; uma lacuna ou abertura; uma vaga ou um vácuo…
Julião Sarmento mostra uma série de obras sobre tela e sobre papel, com várias referências literárias, sem qualquer figuração. Júlio Pomar mostra-nos pinturas e desenhos, realizadas na década de 1960, sobre o Metro de Paris, e desenhos de diferentes elementos naturais.

http://www.ateliermuseujuliopomar.pt/programacao/presente/presente.html

---

Museo Reina Sofia, Madrid

Antoni Muntadas
Ficciones y territorios **/** Arte para pensar la nueva razón del mundo

> 13 Março 2017

Curadoria: Manuel Borja-Villel, Cristina Cámara, Beatriz Herráez, Lola Hinojosa y Rosario Peiró

Esta presentación de los fondos de la Colección del Museo Reina Sofía, compuesta en su mayoría por adquisiciones recientes, se aproxima a los lenguajes y prácticas artísticas que caracterizan el periodo comprendido entre finales de los años noventa y el año 2007, tanto en el contexto nacional como internacional, a partir de una serie de cuestiones compartidas que marcan el comienzo del siglo y llegan hasta la actualidad. El modo en que los artistas abordan los efectos de la globalización y las nuevas configuraciones geopolíticas constituye el punto de partida de esta exposición, a través de las obras de Zoe Leonard y Allan Sekula. Otra de las líneas de investigación se ocupa de las revisiones de los lenguajes de la modernidad y sus vinculaciones con los procesos coloniales. En este sentido, las propuestas de Leonor Antunes, Ines Doujak y Adrià Julià se apropian de las imágenes y los relatos históricos para realizar una lectura crítica de los mismos. Por otro lado, la crisis del Estado-nación y las estrategias de teatralización de la historia son planteadas en la muestra en forma de "ficciones políticas" por autores como Ibon Aranberri y Peter Friedl. En un escenario más próximo, se presentan casos de estudio relacionados con los procesos de transformación de la periferia industrial de Barcelona y de gentrificación de ciudades como Madrid, presentes en los proyectos de María Ruido, Patrick Faigenbaum y Manolo Laguillo, entre otros.

http://www.museoreinasofia.es/exposiciones/ficciones-territorios

---

Galeria Moises Pérez de Albeniz, Madrid

Antoni Muntadas
Palabras, palabras

> 18 Março 2017

Este proyecto pone de manifiesto el uso y abuso de determinadas palabras relacionadas con la estrategia y el discurso político, que acaba por transformar y degradar su significado.

Muntadas presenta sus proyectos en distintos medios como: fotografía, vídeo, publicaciones, Internet, instalaciones e intervenciones en espacios urbanos.

http://www.galeriampa.com/?page_id=698&lang=en

CAAC – Centro Andaluz de Arte Contemporáneo, Sevilha

Bleda y Rosa
COLECCIONAR, CLASIFICAR: Más allá del archivo y del documento

> 7 Maio 2017

Curadoria: Juan Antonio Álvarez Reyes

En 1985 se publicó un conjunto de textos, escritos entre 1976 y 1982 por Georges Perec, bajo el título común del que cierra el libro: *Pensar, clasificar*. Partiendo de este ensayo, la exposición introduce una de las funciones clásicas de todo museo, la de coleccionar. Perec estableció tres categorías referidas a los libros y su clasificación -que quizás podría ser trasladada a cualquier colección-: lo muy fácil de ordenar, lo no muy difícil de ordenar y lo casi imposible de ordenar.

Esta nueva presentación parcial de la colección permanente del Centro Andaluz de Arte Contemporáneo parte de uno de los ejes que la vertebran, las prácticas de archivo, para ir más allá. En diálogo con las ideas que conciernen a la sesión expositiva *Mal de archivo* (tomadas de un famoso ensayo de Jacques Derrida), intenta trasladar en cierto modo la experiencia personal que Perec narra cuando afirma respecto a su propia biblioteca que lo "que no está ordenado de un modo definitivamente provisorio lo está de un modo provisoriamente definitivo". En el trabajo con una colección dada, en el modo de realizar presentaciones expositivas temporales de ella, lo provisorio se convierte también en algo definitivo, en tanto que la posibilidad de establecer relatos diferentes resulta ser una especie de experiencia similar a la que cuenta Perec cuando dice que "a veces paso tres horas buscando un libro sin encontrarlo, pero con la ocasional satisfacción de descubrir otros seis o siete que resultan igualmente útiles".

Esta exposición intenta trasladar esa ocasional desesperación de no encontrar lo que en principio buscamos, pero también la alegría de hallar lo que no esperábamos que estuviera ahí o, al menos, que tuviera tanto interés para el objeto de la búsqueda. La idea original –reunir obras de la colección del CAAC que participaran o estuvieran cercanas a las prácticas de archivo– ha ido transmutando no tanto por no encontrar lo buscado, sino por ese desbordamiento producto de ir hallando en el transcurso esos otros trabajos que nos han hecho ir más allá del archivo y, por tanto, también del documento.

http://www.caac.es/programa/cc16/frame.htm

Espaço NOVO BANCO, Lisboa

Adelina Lopes, André Cepeda, Ignasi Aballí, Julião Sarmento
Da Fuga e do Encontro: Inversões do olhar. Seleção de obras da Colecção de Fotografia Contemporânea do NOVO BANCO

> 31 Maio 2017

Curadoria: Sérgio Fazenda Rodrigues

A ideia de fuga e de encontro existe no momento em que a acção se desprende e o olhar se liberta, ou no momento em que o que se foca cai fora de foco. É nesse instante em que o ver já não se dirige para fora, mas sim para dentro, que a procura ou o deambular pela imagem muda de um território predominantemente analítico para um território predominantemente afectivo.

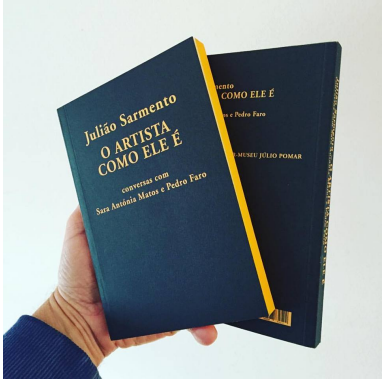
Assente nas relações de quem vê, de como se vê e do que se vê, a exposição pretende encontrar aquilo que em cada imagem promove uma condição de fronteira, onde se interroga a imagem, o espectar e o espectador.

https://www.novobanco.pt/site/cms.aspx?labelid=espaconovobanco

---

LIVROS

Já à venda !!



Julião Sarmento: O Artista como ele é, Conversas com Sara Antónia Matos e Pedro Faro insere-se na colecção Cadernos do Atelier-Museu Júlio Pomar e dá seguimento ao projecto de entrevistas que se iniciou com *Júlio Pomar: O Artista Fala…* [2014], continuou com *Rui Chafes: Sob a pele…* [2015], surgindo agora a propósito da exposição «Void*: Júlio Pomar & Julião Sarmento».

http://www.sistemasolar.pt/pt/produto/272/pt/juliao-sarmento-o-artista-como-ele-e-conversas-com-sara-antonia-matos-e-pedro-faro/

Galeria Pedro Oliveira
Calçada de Monchique, 3 . 4050-393 Porto
T. (+351) 222007131 . M. (+351) 918494794)
gpo@galeriapedrooliveira.com . www.galeriapedrooliveira.com